
MARCO ANTONIO VILLA | PAULO FELDMANN | JOSÉ GOLDEMBERG | **ROBERTO DAMATTA** | RENATO OPICE BLUM | **LAURENTINO GOMES** | JORGE DUARTE
DENIS ROSENFELD | IVES GANDRA MARTINS | **DEMÉTRIO MAGNOLI** | LUIZ FLÁVIO GOMES | LUIS FELIPE PONDÉ | ROBERTO MACEDO | **CLÁUDIO ABRAMO**



UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE



PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP
Abram Szajman
DIRETOR EXECUTIVO – FECOMERCIO-SP
Antonio Carlos Borges

TUTU

www.agenciatutu.com.br
Redação
Rua Itapeva, 26 – 11º andar – CEP 01332-000
São Paulo/SP – (11) 3170-1571

PUBLICAÇÕES

DIRETOR DE CONTEÚDO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
André Rocha – Mtb 45653/5p

EDITORA

Marineide Marques

EDITOR ASSISTENTE

André Zara

REVISÃO

Flávia Marques, Virginia Baumont Romano
e Raquel Benchimol

FOTOS

Emiliano Hagge

EDITORES DE ARTE

Clara Voegeli e Demian Russo

CHEFE DE ARTE

Carolina Lusser

DESIGNERS

Renata Lauletta e Lais Brevilheri

ASSISTENTES DE ARTE

Paula Seco e Carolina Coura

TV

DIREÇÃO EXECUTIVA

Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO

André Rocha

ENTREVISTAS

Adalberto Piotto

CONSELHO EDITORIAL

Adalberto Piotto, Ana Paula Xavier,
André Rocha, Clarisse Ferreira, Demian Russo,
Fernando Sacco e Luciana Fischer

DIREÇÃO DE CENA

Tomas Egger

DIREÇÃO DE ARTE

Tomas Egger e Demian Russo

EDIÇÃO DE CONTEÚDO

Fernando Sacco e Camila Silveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Lilian Lirio

IMAGENS

Alessandro Aiello, Anderson Da Silva,
Bruno Oliveira, Bruno Di Giorgi, Dartagnan Antonio,
Fábio Nicolodi e Rafael Rocha

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Cristiano Wiggers

CENOGRAFIA (REVISTA FECOMERCIO-SP | FEVEREIRO 2014)

Joana Mc

EDIÇÃO DE IMAGENS

Fábio Nicolodi

ESTAGIÁRIO

Bruno Di Giorgi

UMA DISCUSSÃO SOBRE O BRASIL

O projeto do novo canal de vídeos da FecomercioSP na página oficial da Entidade no Youtube (www.youtube.com.br/fecomerciosp) foi embasado na necessidade de discutir abertamente os problemas brasileiros em seus diferentes aspectos, a partir da opinião de especialistas envolvidos na construção dos grandes temas nacionais.

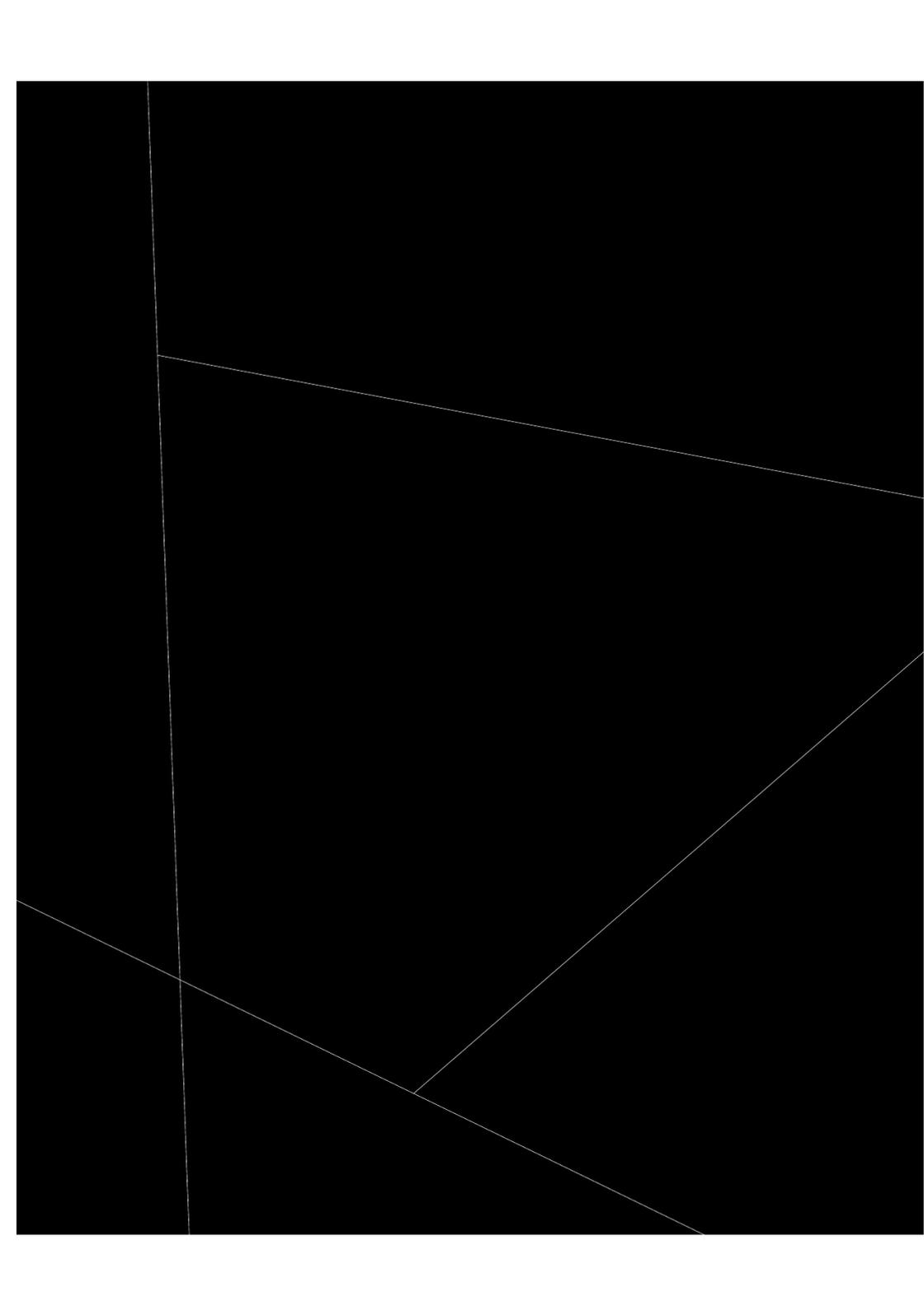
Exibidas pelo programa Revista FecomercioSP, que estreou no início de 2014, as entrevistas passam pelos temas da sustentabilidade ao ambiente jurídico, da democracia à condução da política econômica. O ambiente web foi o canal escolhido para dar suporte a esse projeto por não carregar as amarras de tempo e formato presentes na televisão.

Além disso, possibilita a interação com o público e cria a tão necessária sinergia entre provedores e consumidores de conteúdo. Os assuntos abordados contribuem para fortalecer o entendimento e o diálogo coletivo em torno do País. Não se trata apenas de apontar problemas, mas de discutir soluções e criar um espaço aberto à opinião e, principalmente, às novas ideias.

A síntese das entrevistas pode ser vista nesta publicação, que você recebe junto com dois blu-rays com a íntegra das conversas. Lembrando que esse conteúdo, também disponível na internet, é atualizado semanalmente. Ao reconhecer a necessidade de discutir o Brasil, a FecomercioSP cumpre o seu papel de colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e participativa.

Abram Szajman

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo, entidade gestora do Sesc-SP e Senac-SP



IVES GANDRA MARTINS

EXISTE BUROCRACIA PROFISSIONALIZADA E CONCURSADA NOS ESTADOS

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE DIREITO DA FECOMERCIO-SP, IVES GANDRA MARTINS, APONTA O TAMANHO DO ESTADO E O CONTROLE DE PREÇOS COMO DESAFIOS PARA O PRÓXIMO GOVERNO, INDEPENDENTEMENTE DE QUEM VENCER AS ELEIÇÕES. O JURISTA TAMBÉM DISCORRE SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF E O REFLEXO DELAS SOBRE A ATRAÇÃO DE INVESTIMENTO PARA O PAÍS.



O senhor está otimista em relação a 2014?

Considero este ano relativamente perdido para o Brasil. Perdido do ponto de vista econômico, das reformas e também de o próprio governo apresentar diretrizes que possam dar mais tranquilidade aos investidores e aos brasileiros. Considero que, indiscutivelmente, o Brasil tem grandes possibilidades, principalmente quanto à evolução econômica, mas tem que mudar o modelo. Analisando o cenário mundial, eu acredito (embora muitos não compartilhem da mesma ideia) que o Brasil passará a ser, de novo, um polo de investimento. Internacionalmente, vemos o presidente da Rússia retomando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O Putin não vai parar, e é evidente que os investidores têm preocupação. Possivelmente vão tirar dinheiro da Rússia enquanto não tiverem certeza de que o sonho expansionista dele terminou. Com esse cenário conturbado, o Brasil volta a ter possibilidade de captar, só que precisamos mudar o modelo econômico no qual a presidente é a verdadeira ministra de Economia. No Governo Lula, o ministro da Economia não era o [Guido] Mantega, mas o Henrique

Quais as consequências desse controle?

Ela conseguiu reduzir o valor de mercado da Eletrobras e da Petrobras, prejudicando as duas estatais e, inclusive, todos os investidores. Isso começou nas licitações. Por que os três primeiros anos de licitações fracassaram no Governo Dilma? Ninguém se interessou porque quem vai prestar o serviço público tem que ter aquilo que a lei prevê: a possibilidade do equilíbrio econômico-financeiro do contrato. Se as condições de mercado mudam, eu não tenho de ter um limite no meu lucro, tenho que adaptar o contrato de acordo com o que determina a Lei de Licitações. Ela também utilizou as estatais para, por meio do congelamento de preços, tentar segurar a inflação. Em vez de fazer como em todos os países civilizados, que reduziram o déficit público com a eliminação do peso da máquina estatal, ela resolveu controlar os preços, segurando o preço do petróleo e da energia elétrica, levando as estatais desses setores a prejuízos e desestimulando investidores a vir para o Brasil. Isso nunca deu certo em nenhum lugar do mundo em longo prazo. O primeiro congelamento que se conhece na história estava previsto do Código de Hamurabi, em torno de 1700 a.C., e fracassou ao tentar estabelecer um tabelamento. Recentemente tivemos Plano Cruzado e Plano Bresser no Brasil, e Plano Primavera e congelamentos na Argentina,

que até hoje trazem problemas para eles. Nunca deram certo porque o congelamento não controla o mercado. Os preços terão de ser reajustados e, quando forem, teremos pressão inflacionária; e não vai dar para segurar aumentando juros. Então, do ponto de vista econômico,

Quais as consequências de não fazer esse ajuste?

A Venezuela é um exemplo. O país tem uma vasta reserva de petróleo, mas falta tudo, porque o governo afastou toda espécie de investidores com seu modelo econômico. Quem vai investir em um momento no qual falta tudo e o governo considera que todo investidor que ganhe um pouco é especulador? Um país que queira crescer tem necessidade de investidores. Qual a poupança ideal para os países? Entre 24% e 25% do PIB. Estamos com uma poupança inferior a 18%. Quando a Grécia chegou a 4% de poupança, vimos o que aconteceu.

Por que essa discussão ideológica e modelos econômicos ultrapassados ainda sobrevivem?

A presidente da República foi forjada em relação ao modelo quando era guerrilheira. A maior parte de seus amigos foi treinada em Cuba. Então, ela tem uma formatação. Ela também estudou na Unicamp, que em matéria de Economia é diferente da USP, pois tem uma tendência mais socialista. Houve um momento em que ela entendia que podia ter um mercado nas mãos e que, como o governo é um grande investidor, poderia definir o que o mercado deveria ter de lucro. Poderia intervir direta-

NÃO TEMOS UMA RESPOSTA DA JUSTIÇA NA VELOCIDADE QUE GOSTARÍAMOS

Meirelles, presidente do Banco Central. Porém, Dilma define as linhas econômicas, e nem o Mantega nem o [Alexandre] Tombini têm capacidade de enfrentar. A presidente tem certa aversão aos lucros. Basta dizer que há três anos ela controla todos os preços.

está tudo errado. Com a mudança do modelo econômico, em 2015, há possibilidade de voltarmos a crescer. Ano que vem será de ajustes para reduzir a máquina estatal, o que vai provocar até uma possível recessão. Mas esse ajuste vai permitir que investidores percebam que o Brasil é confiável, está fazendo a lição de casa e tem potencial de crescimento. Qualquer que seja o governo, terá de fazer isso.

mente nas empresas e nos preços. Ela permitiu porque entendia que o Estado é necessariamente investidor, e que a burocracia crescerá. Aquele número de servidores públicos que o Fernando Henrique [Cardoso] tinha diminuído cresceu consideravelmente.

Precisamos de reformas para que o presidente, seja ele quem for, mantenha o Estado previsível e estável?

Quem assume o poder define o estilo que será adotado pelo governo. No início do mandato, o governante tem capital político para gastar e a Dilma gastou mal, pois permitiu o aparelhamento do Estado. Existe burocracia profissionalizada e concursada nos Estados e, qualquer que seja o presidente, um staff burocrático lhe permite governar, mesmo que seja um mal presidente. Sabe quantos comissionados tem o presidente Barack Obama? Duzentos. Sabe quantos comissionados tem a presidente Dilma? Vinte e dois mil. Não estou fazendo nenhuma análise de valor sobre honestidade ou integridade; estou falando sobre competência. Por isso, a nossa carga tributária é de 37% do PIB; não temos serviços públicos; os investimentos não avançam; as obras públicas e o PAC estão empacados há anos; a inflação está em alta; e há perda de competitividade no mercado internacional. Temos um modelo absolutamente equivocado no qual o peso do Estado esmaga o cidadão.

Esse modelo híbrido de capitalismo com orientação socialista pode dar certo?

Esse é um modelo de casamento que dificilmente dá certo. Deu certo na Rússia e na China porque eles disseram o seguinte: "Somos comunistas e ninguém tem

o direito de discutir o modelo político". Criaram uma economia de mercado em época na qual não havia leis antitrustes como as criadas pelos Estados Unidos para combater abusos. No Brasil, temos um Estado pesadíssimo sobre o cidadão, com carga tributária de 37% sobre o PIB. Os Estados Unidos, maior economia do mundo, têm 31%. O Japão, terceira economia do mundo, tem entre 31% e 32%. A China tem abaixo de 25%. Estamos nesse patamar para sustentar as estruturas, porque o governo não investe e não temos reforma tributária. Na prática, temos um sistema absolutamente inadequado, confuso e arbitrário, no qual o governo cobra mais dos contribuintes todo ano.

A Justiça não consegue enfrentar os desmandos do governo?

Temos Ações Diretas de Inconstitucionalidade esperando para serem julgadas há 14 anos pelo STF. Não temos uma resposta da Justiça na velocidade que gostaríamos. Isso faz com que o governo se beneficie da lentidão e de coisas que poderiam ser contestadas. O Delfim Netto disse que o Estado é necessariamente aético e ele tem toda razão. Quando precisa de recursos, vale a máxima: "Necessidade não conhece princípios". E, como o governo brasileiro precisa cada vez mais de recursos para fazer o superavit primário, usa esse raciocínio. É a antidemocracia.

O ex-presidente Lula disse que o mensalão teve 80% de decisão política e 20% de decisão jurídica. É razoável o questionamento de uma decisão judicial?

Acho que o ex-presidente Lula tem um valor impressionante, mas a declaração

foi de uma infelicidade monumental. Mas não foi a primeira vez. Primeiro, ele declarou que os envolvidos no mensalão não eram homens de sua confiança. Mas o José Genoíno era presidente do Partido dos Trabalhadores e o José Dirceu foi ministro da Casa Civil. Acho um verdadeiro absurdo. Aplicaram a teoria do domínio do fato contra o Dirceu, porque não há prova material contra ele, somente testemunhal. O ex-presidente argentino Jorge Rafael Videla foi condenado com base na teoria do domínio do fato, assim como o ex-presidente do Peru, Alberto Fujimori. Mas quem foi o maior beneficiário do mensalão? Foi o Lula. Eu sempre fui contra a teoria do domínio do fato. Em uma democracia, o processo penal protege o criminoso para que ele tenha o direito de defesa. A teoria do domínio do fato fere o direito de defesa e, se fosse aplicada esperando para serem julgadas não contra o Dirceu. Nesse ponto, o Lula tem razão: foi um julgamento político. Caso contrário, era ele quem deveria estar lá. O PT tem um projeto de poder. No Brasil, como verificamos na Comissão da Ver-

NO BRASIL, TEMOS UM ESTADO PESADÍSSIMO SOBRE O CIDADÃO

dade, há uma tentativa de picar quem não pensa como o governo. Eu mesmo, que fui presidente do Partido Libertador e apoié a revolução, rompi e nunca mais fiz política a partir do Ato Institucional nº 2, porque achei que aquele momento foi uma traição daqueles que fizeram o movimento para garantir a democracia.

